

## **A criança com deficiência e seu lugar no desejo materno**

**Juliana Carvalho Signoretti**

**Orientadora: Professora Dra Magali Milene Silva**

### **Resumo**

A maneira de vivenciar a maternidade pode ser encarada de várias formas. Para muitas mães a tarefa é leve, porém para outras, muitos entraves podem aparecer dependendo de como a mãe vai encarar esse filho que chega. Esse estudo privilegia as mães de filhos com deficiência e se pergunta por qual motivo muitas mães abrem mão de seus desejos, seus investimentos, para se dedicarem exclusivamente ao cuidado desse filho. Uma hipótese a ser levantada seria a exclusão do marido dessa tríade, possibilitando a extensão do complexo de Édipo onde a mãe se apropria desse objeto fálico (filho) sem que o Nome-do-pai (um terceiro) venha fazer interdição a essa relação incestuosa e permitir que a mãe encontre seu desejo alhures.

**Palavras-chaves:** mãe de criança deficiente; psicanálise; imaginário materno-gozo.

## **Introdução**

Este artigo teve sua origem numa pesquisa de graduação do curso de Psicologia que discutia o lugar da criança com deficiência no imaginário materno. Como recurso de investigação na pesquisa foram usadas entrevistas com mães de crianças com deficiência, que frequentam uma associação para deficientes da cidade. Alguns trechos dessas entrevistas serão utilizados neste estudo atual.

O desenrolar da pesquisa abriu campo para pensar a mãe de modo geral, porém privilegiando aquela em condição específica: mãe de filho com deficiência. A pesquisa anterior suscitou algumas novas questões, tais como: analisar a relação da mãe com seu filho, tendo como ponto central pensar onde a condição de mãe vira uma questão psíquica no sentido dela abrir mão de quase todos os seus investimentos libidinais para se dedicar exclusivamente a cuidar dessa criança, pois são dessas mães que a pesquisa trata.

Para abrir o campo de investigação, pode-se interrogar: estaria essa mãe ainda envolvida com suas próprias questões Edípicas? Ela deseja ou demanda? O desejo da mãe é ter seu desejo insatisfeito ou conservar seu lugar de gozo? Essas perguntas podem direcionar a pesquisa no sentido de investigar se a mãe quando abre mão dos seus investimentos para cuidar do filho o coloca num lugar de gozo materno ou objeto fálico.

Diante do real de ter um filho deficiente uma mãe pode reagir simbolicamente, dando contorno a essa angústia primeira, de várias maneiras. Algumas conseguem continuar investindo em seus desejos como: trabalho, lazer, família, etc., outras ficam presas a essa criança, por vezes, desinvestidas do mundo externo. O que faz essa mãe se fechar nesse mundo de angústia, onde ela não aceita intrusos? Que traços infantis, que experiências informuláveis da mãe o filho traz à luz, já que é dela mesma que se trata? Por que a mesma mãe que luta cegamente pela saúde de seu filho, enquanto todos a sua volta se desesperam, interrompe uma terapia bem encaminhada, afunda-se na doença enquanto o filho emerge? Talvez seja que, antes de tudo, é por ela mesma que luta. Todas as situações que uma mãe enfrenta são por ela mesma. Aí estarão presentes seu narcisismo, suas angústias, seus temores.

Diante dessas questões propõe-se um estudo do Édipo, num triângulo que agora se compõe entre ela (mãe), o marido (ou outro que ocupe esse lugar de terceiro) e o filho, mas que ao mesmo tempo atualiza suas elaborações edípicas como filha.

Fazendo essa investigação o trabalho adquire importância no sentido de evidenciar as fantasias e angústias maternas, pois como diz Lacan (1956-1957) “a relação imaginária, seja qual for, está modelada numa relação que é fundamental, sendo essa problemática – a relação mãe-criança” (p.28). Tendo em vista que essa mãe um dia foi essa criança da tríade imaginária encontra-se aí “toda a continuação da gênese, os traços e os reflexos dessa posição inicial” (p.28).

O percurso da pesquisa será baseado nas obras de Freud e Lacan e ampliado por outros autores e a metodologia será o cotejamento da discussão teórica com trechos escutados de mães de crianças deficientes, arquivos retirados de pesquisa anterior.

O objetivo desse artigo é propiciar reflexões teóricas e clínicas que contribuam para a compreensão do sofrimento psíquico desta mãe e tentar dar a ela uma possibilidade de saída.

No intuito de discutir o significado do nascimento de uma criança com deficiência para o psiquismo da mãe, bem como, pensar como se configura a trama afetiva entre eles, faz-se necessário, num primeiro momento, analisar o que vem a ser deficiência e qual o impacto desta nas relações sociais e afetivas, tanto do indivíduo com deficiência como das pessoas que compõem seu núcleo familiar .

### **Antecipação do filho na fantasia dos pais**

O momento do nascimento de uma criança é sempre algo milagroso, afinal o bebê que está chegando é cheio de potencial e a família o espera cheia de alegria, mas quando a criança não chega como o esperado, esse se torna um momento de muita tristeza, ansiedade, medo e a vida dos pais será transformada totalmente. À medida que o casal vai se preparando para a chegada dessa criança, arrumando seu quarto e preparando seu enxoval, já deixa à mostra a idealização dessa criança e é comum que os pais idealizem filhos fortes e saudáveis, aqueles que ficarão com a responsabilidade de perpetuar a existência dos genitores (Buscaglia, 2006).

Pode-se pensar que aí já se instala a primeira questão: um filho que não perpetuará a espécie. Para esse filho os investimentos já não serão os mesmos, caso não se aposte na existência de um sujeito, que seja capaz de suas próprias realizações e isso pode abalar os pais narcisicamente.

Góes (2004) aponta que a confirmação dessa deficiência na criança trará um transtorno para a família, mas também para a criança que, apesar de sua pouca elaboração psíquica, tem

uma capacidade de desenvolver-se emocional e afetivamente nesse ambiente, como mostra: “O casal, ao se tornar pais de uma criança especial, terá que lidar com uma série de situações inusitadas e para as quais há poucas orientações, definições, respostas e apoio” (Góes, 2004, p. 9).

Assim, será necessário que a mãe antecipe a existência do sujeito, abandonando esse “filho doente” no hospital, pois será graças a essa antecipação que o bebê terá uma representação e um corpo separado do seu. Essa operação de antecipação impulsionará o recobrimento narcísico de seu corpo, levando também a dar um nome a ele. A função dessa operação de antecipação materna será essencial para o sustento narcísico e todas as suas consequências, é o tempo em que o sujeito vai se transformar dialeticamente numa ambivalência de ser ou não ser o falo (Flesler, 2012).

### **O lugar da criança com deficiência nas fantasias maternas**

As fantasias são roteiros imaginários onde o sujeito se apresenta e representa a realização dos desejos, de maneira deformada pelos mecanismos de defesa, os seus desejos inconscientes (Laplanche & Pontalis, 2001, p.169).

Ao se considerar a afirmação de Mannoni (1999, p.5) de que “a criança ao nascer, constitui-se a herdeira dos sonhos perdidos da mãe”, percebe-se que no psiquismo materno, existiria uma espécie de “tipo ideal” forjado a partir das fantasias e do seu desejo inconsciente. Neste sentido, o nascimento de uma criança com deficiência, implicaria na frustração desse desejo, onde, a criança é destituída de maneira total ou parcial, deste lugar psíquico que lhe fora, antecipadamente preparado. Assim, o nascimento de uma criança com deficiência somente poderá constituir-se numa ocorrência geradora de conflitos psíquicos para a mãe, mobilizando seus sintomas para que ela possa lidar com a representação desta criança em seu imaginário (Mannoni, 1999).

A fantasia fundamental manifesta-se quando o indivíduo já não pode reverenciar-se em face do desejo do outro. A angústia surge em torno do que não se pode nomear: é tornar-se um objeto cujas insígnias já não são decifráveis. Ao dizer: oral, anal, fático, definem-se as insígnias com que o ego se paramenta para se reconhecer (Mannoni, 1999, p.6).

Segundo comentário de Jacques Lacan (2003) a Madame Aubry, publicado em “Nota sobre a criança” existe uma diferença entre as ocasiões em que o sintoma da criança surge

como representante da verdade do casal familiar e outras em que se vê chamado a realizar a presença do objeto na fantasia materna. Será necessário que essa mãe se interesse pela criança, nem que seja por intermédio de suas próprias faltas e o pai na medida em que é vetor da encarnação da lei no desejo. É preciso uma relação de desejo que não seja anômala. Sendo a criança sintoma dos pais ela responderá pelo sintoma da estrutura familiar. Nesse ponto como ficará essa criança que já enfrenta as dificuldades da sua condição de deficiente e além disso terá que responder pelos sintomas dos pais? Continuará alienada? Conseguirá se constituir a partir disso? Caso a mãe não permita a entrada do pai enquanto função para mediar a distância entre o ideal do eu e o papel assumido por ela, essa criança se tornará o “objeto” da mãe e não mais fará outra coisa senão revelar a verdade desse objeto que ficou exposto a toda sorte de capturas fantasísticas. “A criança realiza a presença do objeto na fantasia [...] ela aliena em si qualquer acesso possível da mãe a sua própria verdade, dando-lhe corpo, existência, e até a exigência de ser protegida” (Lacan, 1969/2003 p.370).

Todo filho é produto de um lugar de desejos contraditórios e de fantasias ambivalentes inconscientes. Esse lugar, que é a instância psíquica da mãe, é delimitado pelo entrelaçamento da história singular desse sujeito desejante com o desejo de seus pais, avós e outros. Por isso antes mesmo de nascer a criança já é objeto de desejo de seus pais (Lajonquière, 2013).

Se todo filho ocupa um lugar contraditório nos desejos da mãe, uma criança com deficiência ocupará esse lugar com mais propriedade ainda. Quando as mães de filhos sem nenhuma deficiência saem das maternidades, saem rodeadas de expectativas, charutos e lembrancinhas. As mães de uma criança com deficiência, não raro, saem sozinhas, pois é preciso que seu filho passe horas, dias que parecem uma eternidade em UTIs. A festa familiar dá lugar a momentos de apreensão, incertezas e dores que acabam sendo recobertos com demandas ... demandas de cuidados, equipamentos, profissionais...

Segundo Mannoni (1999) um dos dramas que a mãe de criança deficiente vai enfrentar é a solidão assediada por fantasias que não pode falar; o filho vai participar desse mundo fantasmático da mãe e será marcado por ele de determinada forma.

E por que não poderia falar? Seria por não conseguir transmitir sua estranheza diante desse filho que não corresponde aos seus ideais? Será que não pode dizer dos desejos mortíferos quando sua possibilidade compõe a realidade? Seria por que esse filho não resgata o que na história da mãe ficou incompleto? Seria a impotência diante dessa morte anunciada, tantas vezes previstas pelos médicos em suas vias sacras hospitalares? Será que não dizer não ficaria subentendido para a criança que é expectadora de toda essa angústia, um lugar

maldito? Se fosse possível dizer, estariam esses ouvidos confortáveis para ouvir aquilo que socialmente seria considerado como tamanho “horror”? Diz o dito popular: “ser mãe é padecer no paraíso”, que paraíso é este que ela ainda não encontrou dentro das suas angústias?

Mannoni (1999) continua afirmando que a frequência nos consultórios médicos faz com que seja a mãe, aquela que trava uma batalha contra a “doença” e a indiferença social que seu filho é vítima, em meio ao desencorajamento e hostilidade que sofre. Enquanto o pai está abatido e resignado pelo drama que se desenrola, a mãe está terrivelmente lúcida, enquanto o pai está inconsciente desse drama, é a mãe que vai lutar por esse filho, pois estará sempre atenta a qualquer ameaça que ronde a vida que saiu dela.

Pode-se verificar também uma outra situação fantasmática, quando esse filho é dado à mãe como um objeto para ser cuidado fora da influência do marido, dessa forma, é com referência a seu próprio pai que a mãe encontrará forças para educá-lo (Mannoni, 1999, pp.5-6)

Nesse momento não seria importante que esse pai aparecesse não mais como Nome mas também como pai Real que oferecesse consistência? Consistência que se dá no entrelaçamento do RSI (real, simbólico, imaginário), que opera quando um dos outros dois falha. Dessa forma a consistência faria desse pai o transmissor da lei do desejo, o doador da castração que por vezes essa mãe pode desconhecer já que ele se retira desse triângulo. “A angústia aqui é o signo ou testemunha de uma hiância existencial” (Lacan, 2005, p. 63).

Segundo Mannoni (1999) quando o pai se apresenta de forma serena mediante o drama da mãe, é a custa de uma culpa enorme; como pai, como homem, pois ele ocupa a posição de pai mas não cumpre a função do pai. A mãe mediante isso terá que criar forças ainda maiores para tirar do essencial do seu dinamismo os instintos de vida e morte, estará disposta a tudo, até mesmo de tirar o direito do filho de ser autônomo (Mannoni, 1999, p. 5).

E quando, excepcionalmente, o pai sente que o caso lhe diz respeito, não é raro que reaja com episódios depressivos ou persecutórios. Intervém então para interromper a terapia iniciada, porque sabe que tudo “está perdido”, está farto dos médicos que o exploram (Mannoni, 1999, p. 4).

Esse ponto vale uma reflexão. Quando o pai, por qualquer impossibilidade que seja, não consegue cumprir a sua função de pai, ele não faz barreira entre a mãe e o filho. Ele não dirige sua mensagem à mãe, ele não diz: “Não reintegrarás o teu produto” (Lacan 1957-58/1998, p. 209).

Para que o complexo de castração seja pelo sujeito verdadeiramente vivido, é preciso que o pai real jogue o jogo. É preciso que ele assuma sua função de pai castrador, a

função de pai sob sua forma concreta, empírica, diria quase degenerada [...] É na medida em que o pai, tal como existe, preenche sua função imaginária naquilo que esta tem de empiricamente intolerável, e mesmo de revoltante quando ele faz sentir sua incidência como castradora, e unicamente sob este ângulo – que o complexo de castração é vivido (Lacan 1956-57/1998, p.374).

Como se pode verificar na fala abaixo, após ser indagada sobre o seu lugar de mulher a mãe entrevistada responde: “Aí eu já não era mais mulher, né bem? Eu era só mãe, aliás, eu sou só mãe, eu não sou mais mulher, assim... pra passeio, essas coisas, eu sou só mãe.” (SIC) (Signoretti,2015,p.56)

Mesmo sem a ajuda do pai e apesar de toda essa luta que a mãe trava, de todas as perguntas que faz a respeito do diagnóstico do filho, a mãe nada quer receber desse médico a quem vai pedir. Não obter a resposta é uma chance de continuar a fazê-la, ela precisa somente de força para continuar e ter uma testemunha, que sinta que atrás dessa bravura existe uma mãe que não aguenta mais (Mannoni,1999).

Por quê? Porque, digamos desde já, a enfermidade de um filho atinge a mãe num plano narcísico: dá-se uma perda brusca de toda referência de identificação, o que implica como corolário, a possibilidade de comportamentos impulsivos. Trata-se de um pânico diante e uma imagem de si que já não se pode nem reconhecer nem amar (Mannoni, 1999, p.2)

A mãe cai então na fantasia de que este filho deve ser cuidado exclusivamente por ela, fora da influência do marido, porém, a sua referência ao próprio pai pode ser determinante para que ela encontre força e apoio para continuar cuidando desta criança ao longo de sua vida. Assim, mãe e filho fundem-se fantasisticamente num só corpo, numa só história, na qual, “o que na mãe não pode ser resolvido ao nível da experiência de castração, vai ser vivido, como eco, pelo filho que, nos seus sintomas, muitas vezes não fará mais do que fazer “falar” a angústia materna” (Mannoni, 1999, p.7).

Quando perguntada na entrevista sobre a ajuda do pai nos cuidados com o filho a mãe responde: “Não confio, não confio e não posso confiar porque ele faz coisa que não pode. Ele faz alimentação errada, entendeu?” (SIC) (Signoretti,2015,p.67)

Mannoni (1999, p.74) citando Lacan diz que “se o filho é a falta da mãe, o que acontece no caso de deficiência em que ele é verdadeiramente falta?”

A mãe cristalizará a demanda em todas as consultas médicas. A angústia dela será mascarada pela preocupação de ter que por qualquer coisa onde não há nada. Talvez esteja aí

um indício que demonstra a necessidade da mãe em voltar toda sua libido para os cuidados do filho.

Mannoni (1999) continua dizendo que mesmo para a mãe dita normal, o nascimento do filho doente não deixará de ter incidências sobre ela. Assim em resposta à demanda da criança, ela prosseguirá como que numa eterna gestação e deixará esse filho que não pode se separar dela em estado adinâmico. Tais mães ficam marcadas e assumem um aspecto esquizoide à força de se comportarem, também elas, em resposta ao filho, de uma maneira atônica, adinâmica. A criança é naturalmente alienada como sujeito autônomo, para se transformar num objeto a ser cuidado. Dessa maneira mãe e filho deixam-se levar numa vida vegetativa, em que não há lugar para esforço, bastando que a vida exista. A mãe acaba por aceitar ser parasitada, ou até mesmo habitada, por um ser que não tem existência senão num corpo despedaçado.

Esse trecho da entrevista mostra como a mãe deixa essa criança adinâmica, que não pode se separar dela e impossibilitada de ser autônomo: “eu tenho que ficar sabendo onde ele tá, toda hora, até dentro de casa: onde o P tá? Tá lá fora. Deixa eu dar uma olhada no que ele tá fazendo. Se não tá subindo uma escada, não tá mexendo com alguma coisa perigosa. O perigo maior é o P subir, ele gosta muito de altura, e onde tem água. Represa, rio, piscina grande, ele adora água e esse lugar é perigoso, tem que ficar de olho.” (Sic) (Signoretti, 2015, p.69)

O homem é um ser de cultura, e a cultura capitalista privilegia aqueles que são produtivos, sendo assim isso cria mais uma questão na qual essa mãe vai esbarrar: como aceitar um filho que é culturalmente desvalorizado?

Amaral (1998) mostra que a problemática das deficiências se dá a partir da maneira como os corpos dos indivíduos se inserem no contexto das relações sociais. Assim, toda deficiência seria, antes de tudo, uma diferença corporal que geraria “climas sociais extremamente conflitivos” (p.12), sendo denominadas pela autora como: Diferenças Significativas.

No contexto das relações sociais, o indivíduo com deficiência acabará não sendo reconhecido como igual por seus pares sociais, sendo que, o contato social com esses indivíduos reveste-se de sentimentos de profunda tensão, ansiedade e mal-estar. Tais sentimentos gerariam o acionamento de mecanismos de defesa, nas pessoas sem deficiência, como uma tentativa de não se identificar como possuidor de tais características (Amaral, 1998).

Analisando essa tensão pelo viés psicanalítico pode-se inferir que tal ansiedade e mal estar podem referir-se à noção de Unheimliche (infamiliar, estranho) em que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (Freud, 1919/2006, p.238). Este estranho que não é novo, apenas permaneceu alienado através do processo de recalque, dessa maneira o que deveria permanecer oculto, aparece nessa estranheza social.

A criança com deficiência parece suscitar essa estranheza no outro como se ela trouxesse à luz tudo o que deveria ficar escondido, ela pode mostrar o furo imaginário de cada um, trazendo algo que não se sabe como abordar. Ela tira a certeza, traz um não saber lidar com aquilo que um dia ficou perdido em cada sujeito. Ressuscita fantasmas do complexo de castração e aquilo que foi organizado tão seguramente, que era tão conhecido, fica suscetível a toda estranheza possível. Pode-se pensar que, essa relação paterna que a sociedade tem no trato com pessoas deficientes, olhando-as de forma piedosa, permitindo coisas que não seriam permitidas a uma pessoa sem deficiência, não seria uma maneira de tamponar toda essa estranheza? Não seria uma maneira de retornar ao lugar conhecido, tendo-as como iguais ou apenas como pessoas mais necessitadas?

### **A mãe, sua constituição Narcísica e suas questões Edípicas**

Poderíamos inferir que o modo subjetivo que a mãe se coloca frente a essa criança vai dizer como ela ocupa esse lugar de mãe de uma criança com deficiência. Seu processo de constituição subjetiva será responsável pela forma na qual o filho será tomado em suas fantasias e, conseqüentemente, como irá se desenvolver ao longo da vida.

Da maneira pela qual a mãe se coloca frente ao seu narcisismo, é que se movimenta toda a sua relação com o filho, o bebê imaginado guiará a mãe para suprir suas necessidades, mas faz-se necessário que haja um espaço imprevisível entre os dois, já que é nesse espaço que surgirá um novo sujeito diferente dessa mãe que o criou (Ferrari, Piccini & Lopes, 2007).

Então, a deficiência do filho não virá ao encontro dos desejos inconscientes da mãe que são, a priori, encontrar no filho que vai nascer a possibilidade de realização das fantasias narcísicas. A mãe terá que fazer um movimento psíquico para que esse filho com deficiência ocupe um lugar no seu imaginário e seja digno de seus investimentos libidinais (Góes, 2004).

O que seria digno dos investimentos libidinais da mãe senão aquilo que representa o falo? Num primeiro momento pré - edípico a menina (mãe) deslizou este falo do imaginário pra o real quando se dirigiu ao pai como aquele que o possuía e o daria a ela como dom do pai. Mais tarde, quando entra no Édipo terá que deslizar do imaginário para o real por uma espécie de equivalência, ou seja, o filho como equivalente ao falo. Inicialmente o pai é para a menina seu objeto de amor, mais tarde ele será substituído por aquele que lhe dará o objeto de satisfação e que irá preencher exatamente o mesmo papel, o papel do pai dando-lhe o filho. Uma vez feita esta renúncia o falo é abjurado por ela como pertence. A espera deste filho a colocará numa dependência muito particular e que fará nascer num certo momento, fixações propriamente narcísicas. A mãe não terá muita tolerância à frustração (Lacan, 1956-57/1998). Neste momento como ficará a relação dessa mãe com o marido, substituto do pai, que lhe deu um “falo defeituoso”? Será por esse motivo que muitas mães excluem o pai dessa tríade?

A criança será objeto de desejo e também será como um espelho que reflete os conflitos dos pais. O filho de certa forma atualiza o Édipo de seus pais, pois suas relações serão permeadas pelos restos edípianos de ambos. Onde antes, no plano da fantasia, havia o vazio que poderia ser preenchido pelo filho imaginário, aparece o ser real, que pela sua deficiência, irá não somente renovar os traumatismos e as insatisfações anteriores, como no plano simbólico irá impedir a mãe de solucionar seu próprio problema com a castração, pois a sua verdadeira chegada ao feminino, terá que irremediavelmente renunciar a criança fetiche, que seria o filho imaginário do Édipo.

Nesse cenário conflituoso é importante considerar que o ponto de partida para essa questão é a formulação teórica Freudiana do Narcisismo.

A atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram [...] assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho- o que uma observação sóbria não permitiria- e de ocultar todas as deficiências dele (Freud, 1914/2006, p. 97).

Nesse trecho da entrevista é possível perceber como a mãe se nega a ver a deficiência do filho colocando-o ainda no lugar do filho imaginário : “Eu nem achava ele, aliás a B (filha mais velha) falava pra mim assim: eu tô achando a senhora estranha mãe, você não percebe que o P é diferente? Eu não percebia. Aí a B falou: mãe não é possível que a senhora não vê que o P é diferente. Eu não enxergava diferença nele. A única diferença que eu via é ele ser mais molinho, sabe? Dá a impressão que você não vai ver a diferença no seu filho, eu não via [...] ele é muito inteligente. Esses dias falou pra mim assim: mãe você acha que sou diferente? A senhora acha que tenho olho meio puxado, meio pequeno? Eu falei: uai P eu não vejo você

diferente não, eu também sou diferente, não acho você diferente não” ( sic)  
(Signoretti,2015,p.69)

Mais adiante da entrevista ela continua: “Ele é muito inteligente, ele falou pra mim outro dia que ele tem a síndrome. Ele perguntou pra mim por que ele tem olho puxadinho, que ele é diferente, o rosto dele é diferente. Perguntou isso pra mim. Eu falei que não vejo essa diferença, se você tiver vendo você diferente mamãe não tá vendo, nem com óculos, nem sem óculos. Foi assim que respondi pra ele” (sic) (Signoretti,2015,p.70)

A mãe tem como desafio ultrapassar esse abismo que a separa de seu filho pela dificuldade de reconhecer nele, traços que são seus fazendo desse filho um herdeiro e um depositário de seus desejos e de suas histórias. O filho é uma atualização do narcisismo da mãe, por isso faz-se importante considerar essa formulação teórica.

A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram – o menino se tornará um grande homem e um herói no lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior (Freud, 1914/2006, p. 98).

Diante desse pensamento Freudiano mais um ponto de reflexão pode ser tomado: como o filho com deficiência, por vezes limitado em suas capacidades físicas e cognitivas pode ser esse que concretizará os sonhos dourados dos pais?

O narcisismo existe antes da constituição do eu pois é ele que possibilita que tal evento ocorra. As pulsões auto eróticas ali se encontram para que alguma coisa aconteça psiquicamente a fim de provocar o narcisismo (Freud, 1914/ 2006).

As primeiras satisfações sexuais auto eróticas são experimentadas em relação a funções vitais que servem à finalidade de autopreservação. Inicialmente os instintos sexuais estão ligados à satisfação dos instintos do eu, somente mais tarde é que eles se tornam independentes destes e é possível encontrar indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação e outros cuidados, o que em geral vem a ser sua mãe ou quem a substitua. Daí resulta o narcisismo primário (Freud,1914/ 2006).

O narcisismo é responsável pelas escolhas objetais do sujeito, através dos investimentos libidinais aos objetos externos. O narcisismo primário diz respeito à criança e à escolha de amor que ela faz de sua pessoa como objeto de amor. Desse amor em si próprio

surge um ideal de eu que será abandonado e que será mais tarde, retomado e revivido quando a mãe engravida e começa a fazer projeções no filho (Freud, 1914/2006).

Mesmo nas mulheres narcisistas, que tratam os homens de maneira fria, há um caminho que leva ao amor objetal completo. Freud (1914/2006, p.100) diz: “Na criança que geram, uma parte do seu próprio corpo as confronta como um objeto estranho, ao qual, partindo do seu próprio narcisismo, podem então dar um amor objetal completo”.

Freud tem seu foco de atenção voltado para a relação da criança com os pais, não levando muito em consideração a experiência dos pais em relação aos filhos, porém no estudo: “*Sobre o Narcisismo, uma introdução*” (1914) quando o autor fala sobre a “escolha narcísica do objeto” ele redireciona o foco do relacionamento narcísico da criança para o relacionamento narcísico dos pais.

Nesse estudo Freud (1914/2006) considera que o amor dos pais pelos filhos não é mais que um renascimento do próprio narcisismo desses pais, demonstrando assim, que a concepção de narcisismo primário pode ser apreendida através do prolongamento do narcisismo dos pais projetado nos filhos. O autor esclarece que os investimentos libidinais dos pais nesse bebê, ocorre, por uma revivescência do narcisismo deles, que foi perdido na infância, da mesma forma que os pais em detrimento de seus desejos e suas próprias histórias destinam para o filho um lugar a ser ocupado.

A mãe não está disposta a abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou na infância e para reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um Eu Ideal que é o filho idealizado. O que ela projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido na infância onde ela era seu próprio ideal (Freud, 1914/2006).

Para que ocorra a constituição do Eu é preciso que o sujeito passe pelo estágio do espelho, pois é nessa fase que a criança se reconhece através do Outro, se separa dele e se constitui.

Para Lacan (1949/1998) o estágio do espelho, que ocorre por volta dos seis meses de idade da criança, seria uma identificação, no sentido próprio que uma análise atribui a esse termo, a transformação produzida no sujeito para que ele possa assumir sua própria imagem, a matriz simbólica em que o Eu se antecipa antes de se objetivar na identificação dialética com o outro e antes que a linguagem lhe restitua sua função de sujeito.

O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica- e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante que marcará com sua estrutura rígida todo o

seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do Innenwelt para o Umwelt gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do eu (Lacan, 1949/1998, p.100).

Lacan (1949/1998) segue dizendo que essa forma deveria ser designada por Eu Ideal no sentido que essa será também a origem das identificações secundárias, cujas funções serão reconhecidas pela expressão, funções de normalização libidinal. Esse ponto é muito importante pois situa o Eu bem antes da sua determinação social, para sempre irreduzível para o sujeito isolado, devendo se unir de maneira assintótica ao devir do sujeito, independente das sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver, na condição de Eu sua discordância com a própria realidade. O fim do estágio do espelho inaugura, pela identificação com a imagem do semelhante e pelo drama do ciúme primordial, a dialética que liga o Eu a situações elaboradas socialmente. O investimento libidinal desse momento é designado como narcisismo primário e também uma oposição dinâmica entre essa libido e a libido sexual, quando invocam instintos de destruição e morte, explicando a evidente relação da libido narcísica com a função alienante do [eu], com a agressividade que se destaca em qualquer relação com o outro, nem que seja no mais bem intencionado desejo de ajudar. Lajonquière (2013) quando fala do estágio do espelho, afirma que um organismo quando chega à vida não é mais que um acúmulo de partes: cabelo, carne, unha. Ainda não existe nada que possa parecer com um Eu, portanto ainda não existe UM e se não existe UM, tampouco existirá outro e por isso ainda não existe a diferenciação entre interno-externo e, portanto, ainda não se pode apreender uma realidade.

Essa primeira imagem de si mesma é constituída na fase do espelho e segundo Lajonquière (2013) o bebê consegue ver sua imagem no espelho, porque o olhar da mãe dá sustentação a esse acontecimento. A criança agarra-se a essa imagem porque, em último caso, ela se faz objeto do desejo materno, como segue:

A criança deseja ser desejada pela mãe, portanto, não pode menos do que se identificar com essa imagem olhada pela mãe, tão apaixonadamente como Narciso o fizera com a dele na superfície do lago (Lajonquière, 2013, p.232).

Para Lajonquière (2013) a imagem que o sujeito apreende não faz outra coisa senão recobrir o lugar do vazio. Essa imagem é produto de um recorte que a mãe fez, ela usa o gume de suas palavras, seu sorriso, sua mão, para lançar o filho de seu desejo sobre um horizonte de indeterminação. Prendendo atributos a esse filho e dando-lhe significação, a mãe vai modelando imaginariamente esse sujeito.

A constituição desse sujeito pelo estágio do espelho, permitirá que o eu se constitua pois ele não pode existir desde o começo. O que se encontra desde o início na constituição do sujeito são as pulsões auto eróticas e é preciso que algo se junte a elas para que seja possível uma nova ação psíquica a fim de provocar o narcisismo. Inicialmente a libido objetal ocultava a libido do ego e assim, ocultava também a relação à escolha de objeto nas crianças de tenra idade e nas crianças em crescimento, pode-se notar que elas derivavam seus objetos sexuais de suas experiências de satisfação.

É demonstrado na pesquisa até agora, que a relação narcísica da mãe com seu filho é extremamente importante, tanto na constituição da criança quanto na posição que a mãe ocupa diante desse filho, por sua própria constituição. Porém dando continuidade a pergunta do que faz essa mãe ter toda sua libido voltada para esse filho, a ponto de abrir mão dos seus investimentos próprios, é possível também navegar por outros mares no sentido de investigar se essa relação acontece pelo fato de não haver um terceiro para barrar essa relação incestuosa, no caso o pai (marido).

Retomando que a mãe foi um dia a criança dessa tríade imaginária, é possível atualizar sua posição frente ao marido como foi um dia frente ao pai e estender o Édipo para a relação mãe/filho.

Lacan em seu Seminário V (1957-58/1998, p.192) diz:

Qual é a configuração especial da relação com a mãe, com o pai e com o falo que faz com que a criança não aceite que a mãe seja privada, pelo pai, do objeto do seu desejo? Em que medida, num dado caso, é preciso apontar que com essa relação, a criança mantém sua identificação com o falo?

Subvertendo essa colocação é possível pensar: Qual a configuração especial da relação com a criança, com o pai e com o falo que faz com que essa mãe não aceite que seja privada pelo marido, do objeto do seu desejo ou do seu gozo? A mãe pode ser capaz de mostrar ao filho que o que o marido (pai) oferece é insuficiente para permitir a proibição. No plano imaginário a questão é ter ou não ter o falo, caso esse filho esteja ocupando o lugar da saída Edípica da mãe. Nesse momento que seria o segundo tempo do Édipo a mãe não permite a intervenção do pai como privador desse filho.

**A mãe na demanda ou no desejo?**

Na dialética da primeira etapa edipiana a criança situa-se como desejo da mãe, é desejo de desejo, ficando nesse momento isolada nela, desprovida de qualquer outra coisa que não seja esse objeto de desejo da mãe, sendo postulado como o falo, que é o eixo de toda dialética subjetiva. De acordo com a estrutura da mãe essa relação pode se dar de maneiras diversas, o que poderá produzir toda uma complicação a posteriori. Nesse momento uma criança com deficiência pode ficar privada da lei do pai, pela impossibilidade de ser tocado pela proibição paterna, fomentando sua debilidade (Lacan, 1957-58/1998).

Segundo Lajonquière (2013) o desejo do ser humano é inominável, pois não se sabe o que deseja, e todas as figurações feitas para agarrá-lo acabam por se revelar redes imaginárias que não são tão eficazes quanto se espera. Essas redes não serão eficazes porque o desejo é inconsciente e toda tentativa de realização desse desejo não será mais que uma aposta. Ele afirma:

O que é o desejo? O desejo é uma pergunta infundável, cifrada no nome próprio: o que me quer o Outro? Não é um querer mais ou menos volitivo. Ele é um enigma verdadeiro, pois não há saber sobre o desejo. O saber diz respeito a um mundo impossível ou, em outras palavras, o saber do desejo é o saber da mesmíssima impossibilidade, também figurada como impossível inscrição epistêmica, dada sua natureza radicalmente inconsciente. Então, o saber não é acumulável e não é passível de ser ensi(g)nado como os conhecimentos (Lajonquière, 2013, pp. 52-53).

Ainda, o desejo será condição do discurso, pois é ele que move o sujeito, mas também será seu efeito e via de regra não poderá se mostrar abertamente, pois está sempre recalcado. Assim a mãe terá que fazer manobras com esse desejo para que seja possível o reconhecimento desse filho com deficiência, ou seja, a mãe terá que ser capaz de inserir ou adequar psiquicamente esse filho ao seu desejo.

Lajonquière (2013, p.225) afirma:

[...]seu recalque teve lugar um pouco antes da aparição da linguagem enquanto função. Diz, então, que ele é um recalque originário, efeito da linguagem enquanto estrutura. Em suma, a linguagem enquanto função, como fala de um sujeito, é logicamente posterior ao funcionamento da linguagem enquanto estrutura.

É o desejo da mãe e seu investimento libidinal na criança que começará a esboçar esse lugar no imaginário da mãe, que permitirá que fantasias sejam construídas em relação ao filho. Esse lugar diz da posição que esse filho ocupará em suas fantasias.

Manonni (1999, p.49) diz que “o que não pode ser resolvido ao nível da experiência de castração, vai ser vivido, como eco pelo filho que nos seus sintomas, muitas vezes não fará mais do que falar a angustia materna”

Lacan (1956-57/1998) diz que é preciso que a criança encontre o desejo da mãe para além dela mesma, ou seja, para além do objeto de prazer que ela inicialmente foi para a mãe e aspira ser. Estando a criança numa relação fundamentalmente imaginada num estado passivo de objeto de prazer, aprisionada na captura imaginária, o que ela pode fazer sendo uma criança com deficiência que fica a mercê dessa mãe?

Flesler (2007) diz que a nomeação do pai vetoriza a proibição e limita o gozo da relação mãe/filho uma vez que deseja essa mulher e quer fazê-la não toda mãe, quando ele faz dessa mulher objeto a- causa de seu desejo. A mulher por sua vez ao desejar o falo de um homem metaforiza nele o seu desejo. Essa é uma possibilidade para a criança sair dessa armadilha criada pela mãe. Porém quando o pai se desresponsabiliza dessa função ele não entra como o terceiro dessa relação. A criança precisa ser antecipada por seus pais, quando isso não acontece torna-se contingentemente objeto de gozo.

Nesse momento muito mais que a presença do pai real é preciso que o Nome-do-Pai faça aí sua proibição do incesto, é esse que desfaz essa relação incestuosa entre mãe e filho.

O que importa é a função na qual intervêm primeiro, o Nome-do-Pai, o único significante do pai, segundo, a fala articulada do pai, e terceiro, a lei, considerando que o pai está numa relação mais ou menos íntima com ela. O essencial é que a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho, ou seja, pura e simplesmente, a lei como tal. Trata-se do pai, portanto, como Nome-do-Pai, estreitamente ligado à enunciação da lei, como todo desenvolvimento da doutrina Freudiana no-lo anuncia e promove. E é nisso que ele é ou não é aceito pela criança como aquele que priva ou não priva a mãe do objeto de desejo (Lacan, 1957-58/1998, p. 197).

Lacan (2005, p.70) cita Ágalma, “auge da obscuridade do desejo em que o sujeito é mergulhado em sua relação com o desejo”, a criança sendo esse objeto que a mãe acha que seu desejo visa e com o qual leva ao extremo o desconhecimento do objeto como causa de desejo. Lacan (2005, p.70) parafraseando a réplica de Sócrates a Alcebiades diz:

Ocupa-te de tua alma. Saiba que o que persegues não passa daquilo que Platão mais tarde fará a tua alma, ou seja, a tua imagem. Percebe que a função desse objeto não é de visada, mas de causa mortal, e faça teu luto desse objeto. Ele não é senão tua imagem. Então reconhecerás os caminhos do teu desejo.

Causa mortal quando fecha as possibilidades dessa mãe de buscar seu desejo alhures, ficando o filho nesse lugar de simples objeto, ao qual ela manipula e tudo sabe. Esse filho passa a preencher o espaço vazio como um objeto completo, que obtura todo e qualquer investimento externo. Mesmo dessa forma ela não está garantida e suas angústias continuam apenas deslocadas para toda a problemática da deficiência do filho. É preciso que esse filho

ocupe o lugar de objeto fálico, onde a mãe possa projetar seus desejos e possa ser capaz de projetar novos horizontes, que não a farão completa, mas que sirvam de borda.

### **Considerações finais**

Percebe-se no decorrer do trabalho toda a problemática que a mãe enfrenta nessa condição de mãe de filho com deficiência. Lidar com suas frustrações, angústias, solidão, narcisismos, ideais não correspondidos não é algo fácil. Como ela pode atravessar suas fantasias de ser a única possibilidade para esse filho e permitir que esse marido/homem tome seu lugar e possa ser aquele que substituirá o pai na doação simbólica do falo?

O caminho continua sendo árduo, mas não encobre as chances de um novo nascer, tanto para ela quanto para seu filho. Esse vazio que ela tanto quer preencher, essa frustração experimentada é exatamente a chance que ela tem para fazer disso um uso válido.

É preciso que essa mãe consiga desejar ao invés de simplesmente demandar... de médicos, de remédios, de terapias intermináveis.

## REFERÊNCIAS

- Amaral, L. A. (1998). Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*, 5, 11-30.
- Amiralian, M. L. D. T. M. (2003). Deficiências: Um novo olhar. Contribuições a partir da psicanálise winnicottiana. *Estilos da Clínica*, 8(15), 94-111.
- Buscaglia, L. (2006). *Os deficientes e seus pais. Um desafio ao aconselhamento*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record.
- Ferrari, A. G., Piccinini, C. A., & Lopes, R. D. C. S. (2007). O bebê imaginado na gestação: aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em estudo*. Maringá, 12, 2, maio. /ago, p. 305-313.
- Flesler, A. (2012). *A Psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (2006). Sobre o narcisismo: uma introdução. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 14, 85-119. (Trabalho original publicado em 1914).
- Goés, F. B. (2004). Os pais e o seu filho portador de necessidades especiais - deficiência mental: um encontro inesperado. (*Dissertação de mestrado*). Universidade Católica de Pernambuco. Pernambuco. 184f.
- Lacan, J. (1995). O seminário, livro 4: a relação de objeto. *Rio de Janeiro: Jorge Zahar* (Trabalho original publicado em 1956-57).
- Lacan, J. (1998). O estágio do espelho como formador da função do eu In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998). *O seminário: livro 5-as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1956- 1957).

Lacan, J. (2003). Nota sobre a criança. *J. Lacan, Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969).

Lacan, J. (2005). *Nomes-do-pai*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lajonquiere, L. (2007). *De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens; a (psico) pedagogia entre o conhecimento e o saber*. Petrópolis, Vozes.

Mannoni, M. (1999). *A criança retardada e a mãe*. São Paulo: Martins Fontes.

Pontallís, J. B., & Laplanche, J. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Signoretti, J.C. (2015). A Criança com deficiência e o seu lugar no imaginário materno: um estudo psicanalítico. Monografia, Centro Universitário de Lavras, MG, Brasil.